

MOVIMENTOS DE UM MAPA AFECTIVO

uma experiência cartográfica feminista em ônibus

Shirley Terra Lara dos Santos¹

OU CRÔNICAS DE UMA CARTÓGRAFA-APRENDIZ EM ÔNIBUS²

OU PARA QUEM QUISER LER, CASO ALGUÉM ESQUEÇA IMPRESSO SOB O BANCO DE TRÁS DO ÔNIBUS.



¹ Mestre em Urbanismo Contemporâneo pelo PROGRAU-UFPel. Arquiteta e Urbanista pela FAURB-UFPEL (2017), ssantosufpel@gmail.com.

² O material que aqui se amostra, dão corpo há um pensamento errante em movimento, que se transfigurou aos poucos em dissertação de mestrado. Uma pesquisa cartográfica que investiga o estar em ônibus, a partir de um olhar feminista, na cidade de Pelotas-RS. Entre catracas, pessoas, metais, bancos e ruas, a experiência urbana vai sendo registrada num mapa de bordo, por afectos que potencializam narrativas. Algumas dessas escritas, são disparos de um encontro poético entre campo e pesquisadora. E assim, vai se mantendo vivo o pensamento não linear e sensível, que dispara através das tentativas de mapeamento do (in)dizível.



Um devir-ladra

Eu sou uma ladra.

Como um assaltante que entra no ônibus, passa a catraca e anuncia:
- *Isso é um assalto.*

Passa pelos bancos, olha as pessoas, ansioso com o tempo e o lugar, agita a arma e passa a mochila colhendo objetos e coisas da vida dos outros.

Eu sou uma ladra. Minha escrita-ladra. E morde.

Como aquele que entra para roubar o que pertence a outrem. Eu sou uma ladra.

Entro no ônibus e entre um lugar e outro – meus destinos. Eu passo a roleta e digo: *-Bom dia!*. Ando pelos corredores, ansiosa pelos rostos e corpos próximos de mim. Quem está ali? Como se vestem, como vivem aquele lugar em movimento?

Eu mordo.

Eu vou passando a mochila como o ladrão. Colhendo em meu caderno fragmentos de vidas naquele lugar comum.

Mordo, porque não anuncio o roubo. Mordo como um padre fofqueiro.

Que escuta desafigos da vida privada em pleno lugar público. Finjo não ouvir, mas escuto.

E pior. Gravo!

Escrevo no caderno, no pedaço de folha que achei no fundo do bolso da mochila ou no aplicativo de notas do celular.

Eu mordo, porque gravo e porque depois conto. Escrevo sobre o que estava ali, naquele lugar em movimento e que de alguma forma atravessou meus ouvidos, olhos e corpo.

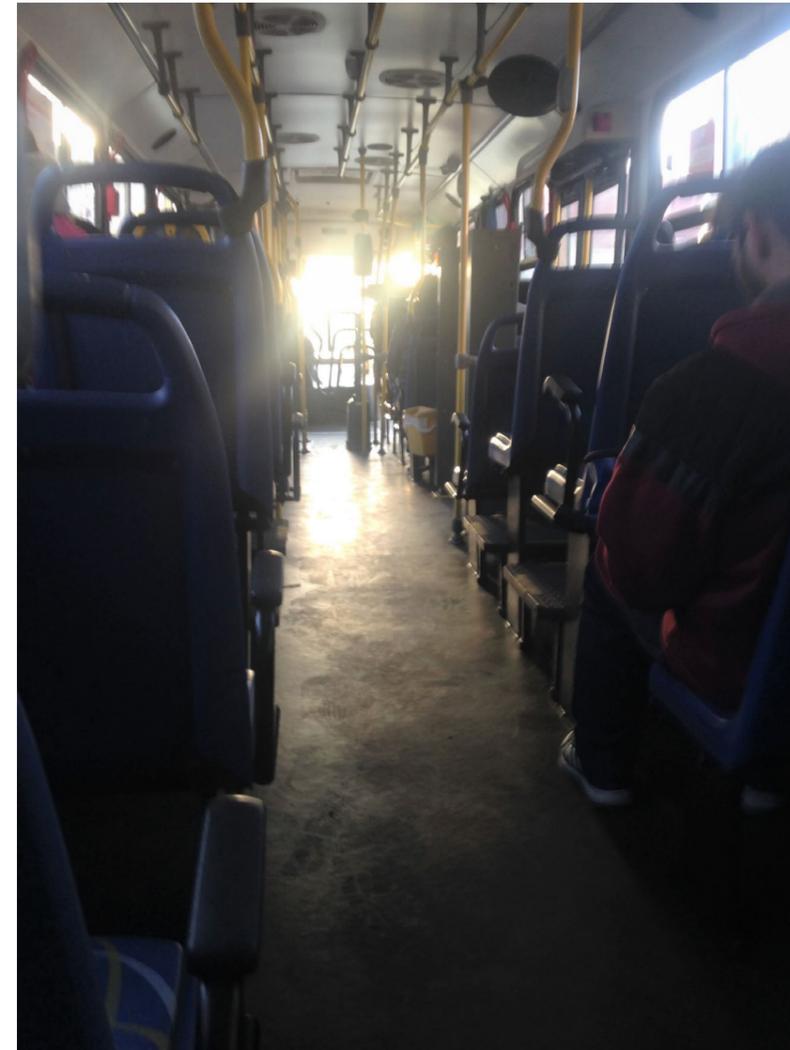
Me faço cartógrafa enquanto transfiguro o roubo em mapa. A memória em narrativa. A cidade em cartografia.

Assim, vamos fazendo-nos. Eu, a escrita e o ladrão.



A descoberta do ônibus

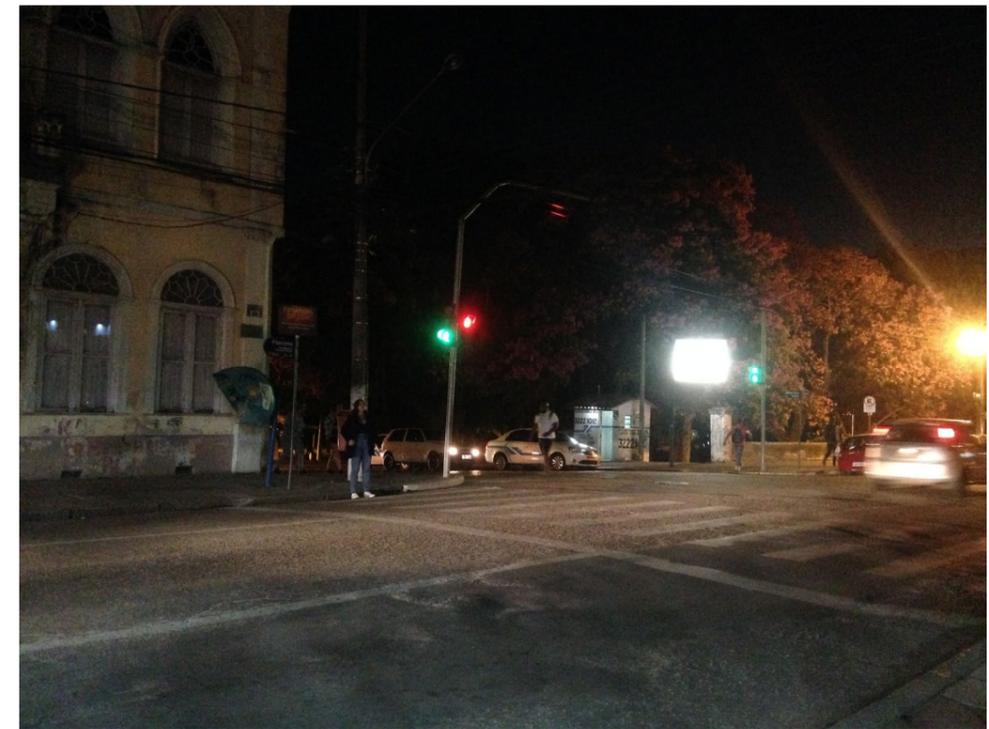
Naquele dia o Guabi estava meio amarelo, tom pastel, opaco. Era fim de um dia abafado, início de noite úmida, parecia que estávamos numa redoma, que não pisávamos o asfalto. Eu estava num banco alto, à esquerda do motorista, após a porta traseira, olhava distraída a cidade que se mesclava com o meu cansaço. Uma senhora branca, entre a meia idade e pouco mais além, passa a roleta e se aproxima de uma conhecida. Agora ela estava quase ao alcance dos meus pensamentos, mas não a tinha visto, até que meus olhos amarelados da rua a escutam dizer: *Ôôô.. fulana, pra gente se pechar ou é no ônibus ou num enterro....* Meu sorriso explodi-o à boca passando pelos meus braços, chegando até a ponta dos meus dedos que automaticamente procuraram qualquer coisa no alcance para registrar aquele afecto. Era Isso! É isso! O ônibus definitivamente era um lugar potente de encontros. Encontros de conhecidos, de próximos, de distantes, de estranhos, de sorrisos, enterros, cidade, cores e temperatura. O ônibus era para àquelas mulheres um choque de corpos social em meio ao caos da vida e da morte. E para mim, seria o lugar da minha experiência como cartógrafa-feminista-arquiteta e urbanista. Eureka!





A arquitetura do ônibus

Naquela noite foi a primeira aventura com a lua, eram 21 horas de um início de inverno, quando a arquiteta-feminista andava pela primeira vez naquele trajeto-volta do Interbairros. O bairro centro ia sumindo, o que lhe era conhecido passou a deixar de ser. Seus olhos e a paisagem da rua foram se misturando à luz branca forte, interna daquela arquitetura móvel. Era tão branca que quase azulava o fundo de seus olhos. O anseio de conhecer mais, de aventurar-se pela cidade nova à noite coexistia no mesmo corpo que tinha medo do que poderia acontecer caso ela tivesse pego o sentido de volta errado daquele ônibus. Aos poucos, dia após dia, o corpo-feminista foi sentindo-se acolhido e pertencente àquele lugar-ônibus. Algumas pessoas já eram familiares – seus rostos eram compartimentos também. Há uma dança – uma ginga – na arquitetura do ônibus. Há um ritmo no uso daquele lugar, que é direcionado – e às vezes – imposto pelo motorista. Há uma ordem vigiada pelo olhar-corpo-sentado do cobrador. São lugares-corpos que se movimentam e coexistem numa espécie de organismo que fica entre uma estrutura e o caos. Eles formam a arquitetura do ônibus, mas ao mesmo tempo, resistem a ela quase como uma pequena raiz-caule verde, agarrada numa platibanda de casa colonial. Esses corpos que gingham no ritmo do instante do ônibus fazem parte da paisagem-ônibus. O motorista e cobrador, a maioria sempre homens, compõe a arquitetura do ônibus, com os canos verticais e horizontais amarelo forte e o tecido azul estampado.





As alfaces na sacola

Estávamos na parada, sentadas naqueles bancos metálicos, gelados e duros - à espera do ônibus. Quando de repente uma senhora se aproxima, suas mãos carregadas com sacolas plásticas, aquelas típicas de supermercado. Ela se senta ao nosso lado e desabafa sobre ter passado da parada que queria, havia caminhado mais do que o necessário, estava em outra parada da rua Osório. Conversando ela nos conta, que andava muito esquecida, no dia anterior havia esquecido suas sacolas da feira no mercadinho – ela aponta uma fruteira em direção à rua Tiradentes. A senhora espontânea e simpática em um breve momento fecha o rosto como quem resolve um dilema importante e nos diz, que foi somente quando chegou em casa cansada e ansiosa para fazer o seu querido arroz com pêssego, que se deu por conta que havia esquecido os pêssegos em algum lugar. Que frustração. Eles não estavam nas sacolas sob a mesa da cozinha. - As alfaces! Certamente estavam junto com os pêssegos, e agora, onde estariam a sacola das alfaces? Tudo bem, dormiu frustrada, cheia de vontade de comer seu delicioso arroz com pêssego. Na manhã seguinte – no dia em que nos encontramos na parada do ônibus, ela teria voltado à cada estabelecimento do dia anterior, agora, em busca das suas alfaces e pêssegos. E, viva! Agora, agarrada em novas sacolas, numa recheada de pêssegos e com folhas de alface aparentes, nos contava da sua saga, mostrando a sua curiosidade, sobre como andava esquecida. Logo o nosso ônibus chegou, mas não sem antes ela ter nos contado os segredos sobre como fazer o melhor arroz de pêssegos de todos os tempos, os truques da sua receita familiar: - Precisa dourar bastante o açúcar antes de colocar o arroz, e depois, acrescenta os pêssegos. Daí sim, ele fica bem caramelizado e pra comer no calor, que maravilha, bem gelado! Saímos nós e ela, naquela noite no início de verão, loucas por um arroz de pêssego.

